

Antestérias: Rito Cultural ou Carnaval?*

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Résumé

Dans cet article nous voudrions démontrer que la fête des Anthestéries à Athènes au Vème siècle av. J.-C. s'inscrit dans le cadre du carnaval — culture populaire — de Mikhail Bakhtin.

Na cultura helênica dos Atenenses as Antestérias é uma festa associada ao florescimento, simbolizando a passagem do inverno para a primavera; ela estende-se por três dias, 1º. dia *pithoígia*, 2º. dia *chóes* e 3º. dia *chýtroi*, do dia 11 ao 13 *Anthestérion*. No primeiro dia os *píthoi* de barro são transportados sobre carros vindos de muitos vinhedos, dispersos pelo espaço rural — *chôra*. O cortejo vai para o santuário do *Limnaion*. Camponeses e escravos vão à cidade e esperam defronte do santuário o advento da noite (esta comemoração proporciona a integração *chôral ásty*). Então os recipientes são abertos e o deus é celebrado com as primeiras libações (Burkert, 1993: 456).

No segundo dia, *choés*, uma procissão percorre a cidade com a estátua de Dionisos num carro. Nesta procissão de mascarados — *kômos* —, os camponeses e os transeuntes se injuriavam com brincadeiras alegres. Jenmaire explica que havia, no interior do carro naval, no qual levava a imagem de Dionisos, dois sátiros nus tocando lira (Jeanmaire, 1985: 50-51). Esta procissão foi compreendida por Van Horn como a preparação para a cerimônia do casamento de Dionisos (Van Horn, 1951: 25). Neste mesmo dia, a absorção do vinho novo transforma-se em competição: um certo número de cidadãos era convidado pelo sacerdote de Dionisos, provavelmente o evento ocorria no edifício dos *thesmothetai*, na *agorá* (Simon, 1983: 95). Eles reuniam-se num banquete, cada um com suas provisões e

* Este artigo foi apresentado, em forma de comunicação, na I Jornada de Estudos da Antigüidade do CEIA, na UFF em outubro de 1998.

suas *chōus*. Os servidores enchiam os recipientes dos convivas, apanhando o vinho numa cratera. O concurso ocorria com os bebedores isolados em suas mesas. Após a proclamação do arauto, o qual lembrava as regras do concurso, os escravos serviam o vinho misturado em quantidade igual para cada concorrente. A trombeta — *sálpinx* — dava o sinal (Nordquist, 1992: 148). O primeiro a esvaziar a *choés* era o vencedor. O prêmio era um odre de vinho (Pickard-Cambridge, 1953: 10). Da *agorá* os Atenenses partiam para o santuário de Dionisos e assim a cerimônia das *chōus* terminava com libações ao deus e embriaguez dos foliões, talvez ocorresse também danças e cantos (Foucart, 1904: 115-116). Este é o único dia em que se abria o *Dionysion Limnae*.

À tardinha no *Limnaion* eram oferecidos sacrifícios secretos em honra a Dionisos, realizados pela *basilina* e as virgens — *gérairai* (Foucart, 1904: 125). Do *Limnaion* partia uma procissão matrimonial em direção ao *bucólion* (na *agorá*). À noite celebrava-se a ligação amorosa — *hiéros gámos* — entre Dionisos (papel desempenhado pelo basileus) e Ariadne (desempenhada pela basilina) (Jeanmaire, 1985: 51; Burkert, 1993: 460).

No dia das “panelas”, dia 13 *Anthesthérion*, eram celebrados ritos funerários. Nem sacerdote e nem magistrado presidiam estes ritos. Durante a noite, cada família ateniense cozinhava numa “marmita” cereais de todos os tipos com mel. Ninguém provava o conteúdo, a oferenda estava destinada a Dionisos e a Hermes *Chthonios* (Parke, 1977: 116). Era, então, uma oferenda de cada família às divindades do mundo subterrâneo, à intenção de seus mortos (Foucart, 1904: 138).

Após termos feito esta breve descrição das etapas e dos dias da festa, gostaríamos de nos ater ao segundo dia — *choés*. O objetivo deste artigo é pôr em discussão a seguinte questão: *há consumo coletivo de vinho durante a festividade?* Para Pauline Pantel a utilização do vinho no rito cultural é constante sob a forma de libação que acompanha a prece assim como o sacrifício, a oferenda do mesmo modo que o juramento. Contudo, o fato de beber vinho em honra a uma divindade ao longo de um rito cultural é relativamente raro. Segundo Pantel, as Antestérias é a única festa de Dionisos onde beber vinho fazia parte de um tempo ritual nitidamente separado da prática do simpósio. A autora não aceita as Antestérias como sendo uma reunião de bebedores — um simpósio coletivo (Pantel, 1995: 98). Sobre esta opinião, a intervenção de Antonio La Penna ao artigo de Pantel é interessante, pois o autor questiona a visão *ordenadora* da abordagem antropológica de Pantel (Pantel, 1995: 104-105). Visão esta que compreende a vida coletiva regulada pelos ritos. Será mesmo que o prazer proporcionado pelo vinho, como vemos em Anacreonte, Safo e

Alceu, não perpassava a vida coletiva? Toda esta problemática nos estimula a pensar as Antestérias sob o enfoque do conceito de carnaval, criado por Mikhail Bakhtin.

Para melhor analisarmos esta questão é necessário lembrarmos alguns elementos importantes sobre o dia da *choés*. O primeiro diz respeito à divindade celebrada, ou seja, Dionisos. Vejamos, então seus principais atributos. É sabido que ele é o deus do vinho e de festividades, tais como o simpósio e o *kômos*. Dionisos é um deus estrangeiro, migrante, metamorfoseado, é o visitante da noite, delirante e mestre de todos os excessos (Detienne, 1988: 14; Muriel, 1990: 106). Além de ser deus do vinho, ele estende seu poder sobre a vegetação. Dionisos está associado, segundo cada região, à nogueira, à figueira, à toda florescência (Martin, 1976: 116).

A respeito da experiência dionisiaca, vejamos a interpretação de Vernant: "*Para participarem na experiência dionisiaca, os homens têm que se afastar de múltiplas maneiras das normas, dos comportamentos habituais, no trajar e nas atitudes.*" (Vernant, 1991: 168)

Walter Otto assim caracteriza a divindade: Dionisos ri das ordens e das regras. O deus metamorfoseia o mundo, é uma divindade ambígua (felicidade e terror), ele acaba com a imagem de um mundo ordenado. Ele dilui as dimensões de tempo/ espaço. Dionisos proporciona a liberação do que sufoca e oprime os homens. O vinho — presente de Dionisos aos homens — abole as hierarquias e tem o poder de liberar (Otto, 1992: 158).

Um segundo ponto a ser levado em consideração aqui são as associações entre o dia da *choés* e outras festas dionisiacas. Em *Os Acarnenses* Aristófanes nos apresenta três passagens do dia da *choés*, vejamo-las: *Ao banquete!* Exclama o Mensageiro. Mas este banquete no qual ele está se referindo é um jantar (*deípnon*). Jantar este em honra a Dionisos, com todos os elementos de um simpósio: mesas (*trapédzai*), leitos (*klínai*), perfumes, coroas, bolos, cortesãs e canto (Aristófanes, *Acarnenses*: vv. 1085-1095). Quer dizer, uma refeição realizada em espaço público — no santuário de *Dionisos Limnaios* — (Van Horn, 1951: 29-30) mas com características de simpósio (festividade privada). E, além disso, as cortesãs mencionadas por Aristófanes não são as *hetairai* e sim as *pornai* (prostitutas). No verso 1140, constatamos que as palavras usadas pelo comediógrafo são: *deípnon sympotiká* (refeição de simpósio). Nesta mesma peça, Aristófanes nos apresenta as injúrias dos foliões — *komástai* — nas ruas de Atenas às pessoas que lá passavam (Aristófanes, *Acarnenses*: vv. 1165-1170). Como afirma Hamilton, estas passagens de Aristófanes são as únicas que possuímos acerca do dia da *choés* no período clássico. Este mesmo autor afirma que Aristófanes mistura rituais privados e públi-

cos no dia da *choés*, além de explicar que poderiam ocorrer banquetes privados no dia da *choés* (Hamilton, 1995: 12). Como explica Neyde Theml: “*O calendário ateniense era pulverizado por tempo festivo, indicando uma tensão constante entre o tempo/ espaço da ordem poliade e o tempo / espaço privado*” (Theml, 1998: 57). Vemos, então, aparecer duas práticas dionisíacas no segundo dia das Antestérias: o simpósio (ou jantar à moda de simpósio) e o *kômos* — procissão catártica que percorre as ruas da cidade.

Se aproximarmos a imagem linguística construída por Aristófanes com as imagens pintadas pelos artesãos da Ática encontraremos muitos elementos que poderiam caracterizar as Antestérias como sendo uma festa carnavalesca, ou seja, uma ocasião onde os Atenienses estariam livres para celebrar ritos populares, ritos agrários e práticas de subversão da ordem.

Iremos agora expor a análise de Maria Daraki sobre uma taça ática de figuras negras (pintor de Exékias), onde Dionisos está representado num barco (com forma de peixe-*kliné*), e o deus está em posição de um banqueteiro — *sympótes* (Robertson, 1978: p. 71 — taça ática de figuras negras, 3º. quartel do VI século a. C., Munich — *Staaliche Antikensammlungen*, no. 2044).

A imagem apresenta-se da seguinte forma: o pintor divide a taça em duas partes, a primeira com a vinha no alto e a segunda com a representação do mar em baixo. Os dois espaços se correspondem numa simetria perfeita: aquele do navio-leito de banquete com o mastro e a vinha se elevando ao longo do mesmo eixo e aquele dos sete golfinhos, filhos do mar, correspondendo cada um aos cachos da árvore (Daraki, 1982: 5).

Dionisos (deus agrário, mestre da vegetação, doador de frutos em abundância, mestre das flores e deus marinho). É uma exceção levar, em procissão, uma divindade num barco. Deste modo transportava-se, em Atenas, a estátua de Dionisos sobre um barco com rodas, em plena cidade (Daraki, 1982: 6).

As águas — marinhas ou fluviais — num contexto dionisíaco significam uma passagem para o *Hades*. O elemento líquido marca a transição entre o mundo dos vivos e o mundo subterrâneo (Daraki, 1982: 8).

No primeiro dia das Antestérias — *pithoigia* — há abertura dos jarros, as almas escapam dos *pithoi*, como de uma de tumba aberta, para em seguida mergulhar de novo sob a chefia de Hermes (Daraki, 1982: 12).

Devemos lembrar que desde Homero, o mar grego é representado na cor de vinho. Na poesia o grupo de bebedores é equiparado à equipe de um barco em alto mar (Lissarrague, 1987: 104). Através desta cena pinta-

da no medalhão da *kylix* podemos perceber o lugar de destaque da prática do simpósio no ritual das Antestérias (Dionisos num navio-*klíne*), além de identificarmos também a presença do vinho, presente do deus aos homens.

Nas imagens pintadas nas *chôus*, podemos vislumbrar várias temáticas: crianças despidas com seus brinquedos e amuletos, sátiros, o próprio Dionisos, competições, banquete e *kômos* (Van Horn, 1951: 46; Metzger, 1965: cap. IV). Mas como salienta Hamilton, nem todas as cenas representadas nas *chôus* estavam relacionadas ao ritual da festa (Hamilton, 1995: 64, 68, 121). Assim, a ênfase, tanto pelas imagens lingüísticas, quanto pelas pictóricas, da prática do simpósio nas Antestérias, mais especificamente no segundo dia — *choés* —, nos suscita a pensar esta festividade como tendo sido tecida pelas teias da cultura popular de Atenas. O simpósio é uma festividade dionisiaca, carnavalesca e claramente subversiva. Os convivas embriagados podem se contrapor aos valores *poliades*, ao sistema oficial de Atenas (Lima, 1998: cap.3).

Além do simpósio, outra prática dionisiaca encontrada nas Antestérias é o *kômos*. Devemos lembrar que o *kômos* é uma procissão catártica de agricultores que saem cantando e dançando no espaço rural (Ghiron-Bistagne, 1976: 225). Esta temática foi representada pelos artesãos coríntios a partir do VII século a C. Em Atenas no V século a C., o *kômos* consiste numa procissão de bebedores que percorre as ruas da cidade, no espaço urbano — *ásty*. Um aspecto importante nesta festividade é a exposição do baixo corporal. O grotesco é ambíguo, está associado à vida (fecundidade) e à morte (urina e excrementos) (Bakhtin, 1993: 17). Lembremos que o *kômos* é antes de tudo um rito agrário, ou seja, a festividade faz parte de um antigo calendário agrário que simboliza a crise sazonal, “a perigosa passagem da velha para a nova estação, com suas promessas de sementeira, colheitas (...) e vindimas” (Ginzburg, 1988: 43). É neste contexto que os *komástai* saem percorrendo o campo pedindo auxílio aos deuses agrícolas (Deméter e Dionisos, por exemplo). Logo, as Antestérias também possui suas práticas propiciatórias através do *kômos*, simbolizando assim a passagem do inverno para a primavera, da morte à vida, da penúria à abundância.

Neste artigo tivemos o intuito de questionar a interpretação de que não ocorria consumo coletivo de vinho (*sympósiôn*), durante o dia das *choés*, sustentada por Pauline Pantel. A interpretação de Pantel tem fundamento no tocante ao concurso de bebedores. Mas isso não quer dizer que após o concurso e libações os Atenienses não se lançavam ao consumo coletivo de vinho e à embriaguez (como enfatizam: Van Horn, 1927: 118; Otto, 1992: 158-159 e Martin, 1976: 125). Durante as Antestérias, a

comunidade *poliade* estava congregada através de rituais e práticas festivas. Neste breve estudo enfocamos somente duas festas (o simpósio e a procissão carnavalesca — o *kômos*). Assim entendemos que durante as Antestérias a vida normal ficava suspensa através das máscaras, da procissão de casamento, dos espíritos em volta dos vasos de vinho, das ofensas despreocupadas, da embriaguez geral e dos ritos agrários. Os deuses da cidade ficavam excluídos, apenas Dionisos e Hermes eram cultuados.

Documentação Textual

ARISTOPHANE. *Les Acharniens* — Tome I. Trad. Hilaire Van Daele. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

Documentação Arqueológica

METZGER, H. *Recherches sur l'Imagerie Athénienne*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1965.

ROBERTSON, M. *La Peinture Grecque*. Genève: Albert Skira, 1978.

VAN HORN, G. *Choes and Anthesteria*. Leiden: E. J. Brill, 1951.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: Contexto de François Rabelais*. São Paulo — Brasília: Hucitec — Edunb, 1993.

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

DARAKI, M. La Mer Dionysiaque. *Révue de L'Histoire des Religions Tome CIC — fascicule 1*. Paris: PUF, janvier-mars 1982, pp. 3-22.

DETIENNE, M. *Dioniso a Céu Aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

FOUCART, M. P. *Le Culte de Dionysos en Attique*. Paris: Imprimerie Nationale, 1904.

GHIRON-BISTAGNE, P. *Recherches sur les Acteurs dans la Grèce Antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1976.